



RELATÓRIO DO CICLO DE ESTUDOS

Democracia sob perspectivas feministas

O SER-TÃO, Núcleo de ensino, extensão e pesquisa em gênero e sexualidade da Universidade Federal de Goiás, realizou, no período **01/06 a 27 /07 de 2020**, o Ciclo de Estudos **Democracia sob perspectivas feministas** sob coordenação da professora Eliane Gonçalves e com assessoria de Matheus Sant’Ana, bolsista Probec (extensão) e aluno do bacharelado em ciências sociais-políticas públicas, da FCS/UFG. Com o objetivo de tecer um diálogo a partir de diferentes âmbitos (trabalho, poder, luta política, liberdade e direitos) e tendo por elemento comum o enfoque da democracia em sua historicidade e em suas crises, o ciclo foi realizado em cinco sessões de duas horas de duração, com uma média de 18 participantes permanentes (e alguns circulantes), com a seguinte caracterização:

Docentes do Sertão: 03

Discentes (orientandos/as) do Sertão: 11

Discentes de outras unidades da UFG: 01 (Escola de Veterinária e Zootecnia)

Docentes de outras unidades da UFG e de outras IES: 04 (PUC/GO, IFG, FEF/UFG)

Convidadas: 03 (Le Monde Diplomatique, Brasil e Universidade Federal Fluminense).

O material de discussão - artigos, entrevistas, capítulos de livros e conferências gravadas, entre outros - facilmente acessíveis na Internet ou reproduzíveis em forma digital salvos em arquivos para baixar - foram enviados às/aos participantes com antecedência e reenviados previamente a cada sessão. O ciclo contou com a participação de convidadas moderadoras, tal como detalhado na programação, ao final.

Metodologia

Como um evento pedagógico realizado remotamente em plataforma virtual, cada sessão ocorreu via Google Meet cujo *link* foi enviado com antecedência. Para cada sessão foi solicitada a confirmação pelas/os participantes. Um e-mail foi criado para as inscrições e confirmações. Cada sessão se iniciou com uma breve apresentação e um exercício de “aquecimento” buscando facilitar a interação do grupo no ambiente virtual. Uma síntese explicativa de cada tema e autora, bem como sua biografia, foi oferecida pela coordenadora antecedendo a moderação de 10-15 minutos. E, então, o debate livre entre participantes se seguia até a finalização da sessão, em geral com alguma técnica de despedida e motivação para a continuidade das demais.

Cronograma e programa de leituras (realizado 100%) e comentários breves dos resultados de cada sessão.

1a sessão - 01/06/2020 - Amélia Valcárcel - História da democracia: poderes em presença. <https://ameliavalcarcel.com/historia-de-la-democracia-poderes-en-presencia/> (conferência em espanhol, a partir do minuto 40 até 1h36 do vídeo).

Recurso adicional (complementar, não obrigatório): Radicalização do Feminismo, Radicalização da Democracia, por Maria Betânia Ávila, disponível: <https://soscorpo.org/publicacoes/revista/>

Mediação: Gabriela Peixoto e Eliane Gonçalves

Tendo 15 participantes, esta sessão focalizou a historicidade do conceito de democracia na tradição da ocidental e de como o mesmo foi aperfeiçoado e transformado pelas mulheres e pelo feminismo. O tripé igualdade-liberdade-fraternidade foi ressignificado para igualdade-liberdade-solidariedade, incorporando as críticas das mulheres ao caráter excludente e misógino de cada um dos verbetes: cidadãos livres e iguais eram os homens brancos, proprietários, letrados. Eles constituíam a *res pública*, o Estado, enquanto as mulheres a esfera doméstica e privada, da família. Ainda assim, a democracia, como uma conquista recente (século 18) permanece rara e escassa, pois na maior parte do planeta ela não existe de fato (há mais regimes de tirania) e, onde

existe, é muito mais um sistema oligárquico com suas profundas desigualdades e hierarquias do que como seria desejável, segundo Valcárcel, um sistema ético de vida, uma forma de governo do e para o povo, sustentada na decisão por maioria (real e não da precária representação que continua repetindo a tradição) e fundamentada no compartilhamento dos valores fundamentais que a constituem e que garantem as liberdades públicas e os direitos individuais (reais, portanto, de todos). Para Valcárcel, o feminismo melhorou tanto a democracia que, na declaração dos direitos humanos de 1948 está impressa sua grande conquista: homens e mulheres nascem livres e iguais, o que é uma mutação dos direitos do **Homem e do cidadão**, legado pela revolução francesa. Maria Betânia Ávila traduz o engodo democrático como “liberdades públicas e dominações privadas” e o feminismo é, ou deveria ser, a revolta das mulheres contra a desigualdade. Para ela, a primeira conquista do feminismo é tornar as mulheres, sujeitos.

Amélia Valcárcel (1950-) é filósofa, professora aposentada da Universidad de Oviedo, Espanha, é ativista feminista e conselheira de estado em diversas funções. Palestrante profícua, escritora com dezenas de livros, dois dos quais já traduzidos no Brasil pela Editora SESC, SP (A memória, a justiça e o perdão, 2014; Ética contra Estética, 2005). Mantém uma página ativa na Internet com inúmeros recursos para baixar gratuitamente entre artigos e vídeos: <https://ameliavalcarcel.com/> Seu livro mais recente é *Ahora feminismo: cuestiones candentes y frentes abiertas* (Ediciones Cátedra, 2019).

Maria Betânia Ávila é socióloga, doutora pela UFPE (2014) e fundadora e diretora geral do SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia (Recife, PE). Autora de *O tempo do trabalho das empregadas domésticas: tensões entre exploração/dominação e resistência* (Editora UFPE, 2014). De sua autoria há diversos trabalhos disponíveis na página do SOS: <http://soscorpo.org/>

Gabriela Peixoto é cientista social e mestra em sociologia (UFG 2014). É doutoranda em sociologia pelo PPGS/UFG, na linha Diferenças, Desigualdades e Violências. Sua pesquisa aborda a experiência dos mandatos coletivos feministas na democracia brasileira recente sob orientação de Eliane Gonçalves. Gabriela é integrante do Ser-Tão.

Praticamente desconhecidas do público presente, as autoras foram apreciadas em suas contribuições como “radicais” ou “moderadas”. O debate inclui ainda a fala de uma outra filósofa feminista que apenas quem viu a conferência até o final pode apreciar. Trata-se de Estela Serret que acrescentou elementos importantes sobre a separação entre feminino e masculino na leitura clássica da democracia. Para ela, os valores básicos da democracia são de natureza normativo-prescritiva e não “descritiva” (atinentes às diferenças biológicas ou psicológicas entre homens e mulheres). A democracia, sendo uma forma de governo em constante processo de construção (um vir a ser) é a forma pela qual é possível pensar em igualdade. Talvez o conceito seja o de democracia pluriversal, retomando a contribuição de uma das presentes.

2a sessão - 15/06/2020 - Silvia, Federici. Livro: *O ponto zero da revolução* (Editora Elefante, 2019). Leitura: **Introdução**.

Livro completo para baixar:

http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozerodarevolucao_WEB.pdf

Recurso adicional: Entrevista com Federici: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580562-silvia-federici-e-a-emancipacao-que-nao-foi>

Mediação: Tatiele Pereira de Souza e Liz Cosmelli

Nesta sessão, com 18 participantes, trabalhamos com a tese inovadora de Silvia Federici sobre a necessidade de pagamento do trabalho de reprodução da vida, o trabalho doméstico de cuidar, historicamente atribuído às mulheres. Por reprodução Federici entende: “complexo de atividades e relações por meio das quais nossa vida e nosso trabalho são reconstituídos diariamente”. Com as contribuições das moderadoras, o grupo refletiu sobre as desigualdades interseccionadas entre gênero, raça e classe e de como na pandemia da Covid-19 essas desigualdades se tornaram evidências. Bem, isso leva a uma longa história que tem a ver com um dos pilares das desigualdades de gênero, que é a divisão sexual do trabalho e a apropriação do tempo das mulheres como trabalho não pago. Com autoras como Federici aprendemos que o marxismo estava incompleto em seu esquema teórico poderoso. O trabalho não remunerado das

mulheres na esfera chamada reprodutiva é essencial ao lucro capitalista. As mulheres não estão fora da classe operária, elas são sua porção mais fundamental, ainda que tornada invisível. Como ressaltaram as mediadoras, esse trabalho é invisível porque marcado pela afetividade, naturalizando o papel das mulheres como mães e cuidadoras, agravado no Brasil pela escravidão. Federici critica várias coisas que consideramos, na maior parte das vezes, como conquistas: as conferências da ONU para ou sobre as mulheres (Cairo, Beijing) porque representam cooptação do discurso feminista para a agenda neoliberal e também o sistema político de representação formal que, segundo ela (entrevista) falha como mecanismo de emancipação das mulheres. Esse tema foi bem debatido com posições variáveis no grupo. Porque, para algumas, a democracia ainda é um sistema em construção e as mulheres há pouco tempo chegaram lá e precisam ampliar suas frentes, como as estratégias dos mandatos coletivos.

Silvia Federici (Parma, Itália, 1942-) é autora do célebre *O Calibã e a Bruxa*, traduzido e publicado no Brasil em 2018 e de *O ponto zero da revolução* (2019) de onde extraímos o conteúdo da sessão. Ela participou ativamente junto a outras feministas na Europa (Itália, França e Inglaterra) e EUA pelo salário ao trabalho doméstico (WFW = wage for housework) nos anos 1970. Ela migrou no final dos anos 1960 para os EUA e vive lá até hoje, tendo ensinado na universidade de Hofstra, no estado de NY por mais de 30 anos.

Tatiele Pereira de Souza é cientista social graduada pela Universidade Federal de Goiás (2008), mestrado (2011) e doutorado (2016) em Sociologia também pela UFG. Cumpriu o programa de pós doutoramento da UFG em 2017, onde também foi professora substituta e na sequência PNPd/CAPES junto ao PPGS até meados de 2018, quando assumiu a vaga de concursada no Instituto Federal de Pernambuco - Campus Belo Jardim onde foi e ainda é coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade. Atualmente é docente do Instituto Federal de Goiás - Campus Anápolis. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: tecnologia da informação, identidade, profissionalização, gênero, educação e desigualdade.

Liz Cosmelli é internacionalista (graduada em RI). Mestre em Análise e Gestão de Políticas Internacionais pela PUC –RJ e pesquisadora de gênero e direitos humanos. Editora em parceria com Beatriz Brandão do projeto Feminismos transnacionais no Le Monde Diplomatique Brasil, onde publicou artigo relacionado ao tema de hoje: ‘Você poderia ter me pedido’ – o trabalho invisível das mulheres, em [Feminismos transnacionais](#) em 29 de Maio de 2020.

3a sessão - 29/06/2020

1) Judith Butler - O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades. Entrevista disponível em:

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390>

2) Veena Das - Encarando a Covid-19: Meu lugar sem esperança ou desespero.

DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro Reflexões na Pandemia 2020 pp. 18. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-26>

Mediação: Beatriz Brandão

Dando sequência às reflexões sobre democracia apoiadas nas ideias e ações de autoras feministas, a terceira sessão foi dedicada a dois pequenos textos, uma entrevista e um artigo ensaístico de duas autoras cuja atividade se realiza nos EUA. Entrelaçamos os conceitos de democracia revisitados nas sessões anteriores para pensar suas crises do ponto de vista de duas intelectuais que vivem na mais antiga democracia formal moderna do mundo, os EUA. Nesta nação confrontada por um racismo que é um dos mais antigos e cruéis do mundo, por uma diversidade de populações que para ali afluíram em busca do sonho americano, onde também são abundantes cérebros expatriados de todos os continentes, sendo uma delas Veena Das, indiana radicada lá desde 2000. Enfim, é deste lugar, centro do poder mundial, em crise, que falam essas duas autoras. Esta sessão se debruçou sobre o momento atual, marcado pela pandemia da COVID-19 e, por isso, tem tanto que ver com democracia e tanto que ver com o Brasil. Na esteira do que apontaram Amélia Valcárcel e Silvia Federici sobre os poderes em presença na democracia, vemos nesses dois textos, tanto o ensaio quanto a entrevista (na

verdade um diálogo entre dois intelectuais) a ausência da democracia na esfera econômica (divisão social e sexual do trabalho, desemprego, precariedade de habitações e de acesso a serviços e bens etc...), na promoção da igualdade cidadã, no usufruto da liberdade.

Judith Butler, 64 anos, filósofa, judia, feminista e lésbica (mais recentemente sem gênero ou não binário na Califórnia) é autora de inúmeras obras algumas das quais pioneiras no tratamento do gênero como categoria central para as ciências humanas. Tida como a rainha da teoria queer, que ela própria rejeita, sem suas teorizações esta abordagem não teria o alcance que teve. Conhecemos Butler pelo seu livro *Gender trouble* de 1990, traduzido no Brasil em 2003. Há muitas entrevistas publicadas no Brasil, sobretudo depois de suas duas visitas em anos recentes (2015 e 2017), desta última com um tratamento intransigente por parte de setores e grupos reacionários.

Veena Das é antropóloga, 75 anos, nascida em Dehli, Índia, onde estudou e ensinou no período de 1967-2000. Foi para a John Hopkins em 2001 e foi coordenadora do departamento de antropologia até 2008. Seus temas abarcam uma complexa rede de entrelaçamentos entre violência, eventos críticos e cotidiano. Só havia artigos e entrevistas disponíveis em português, mas acabou de sair a tradução de *Life and words: violence and the descent into the ordinary* (University of California Press, 2007), pela editora da Unifesp (2020): vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário. Há uma ótima entrevista precedida de uma minibiografia na revista DILEMAS Vol. 5 - no 2 - ABR/MAI/JUN 2012 - pp. 335-356, a muitas mãos: Patrícia Birmam, Pedro Paulo Pereira, Michel Misse entre outras.

Esta sessão contou com a mediação de Beatriz Brandão que prontamente aceitou o convite, esteve conosco no encontro passado foi dela a sugestão do texto complementar da Veena Das.

Beatriz Brandão é socióloga, com pós doutorado pela USP e também pesquisadora do IPEA. É graduada em jornalismo e em ciências sociais e escreve para o Le Monde Diplomatique Brasil no projeto Feminismos transnacionais em parceria com Liz Cosmelli.

Ambas autoras tratam do momento mundial da pandemia de Covid-19 e as repercussões na vida acadêmica de estudantes e professores/as, reconhecendo que a realidade social é muito desigual

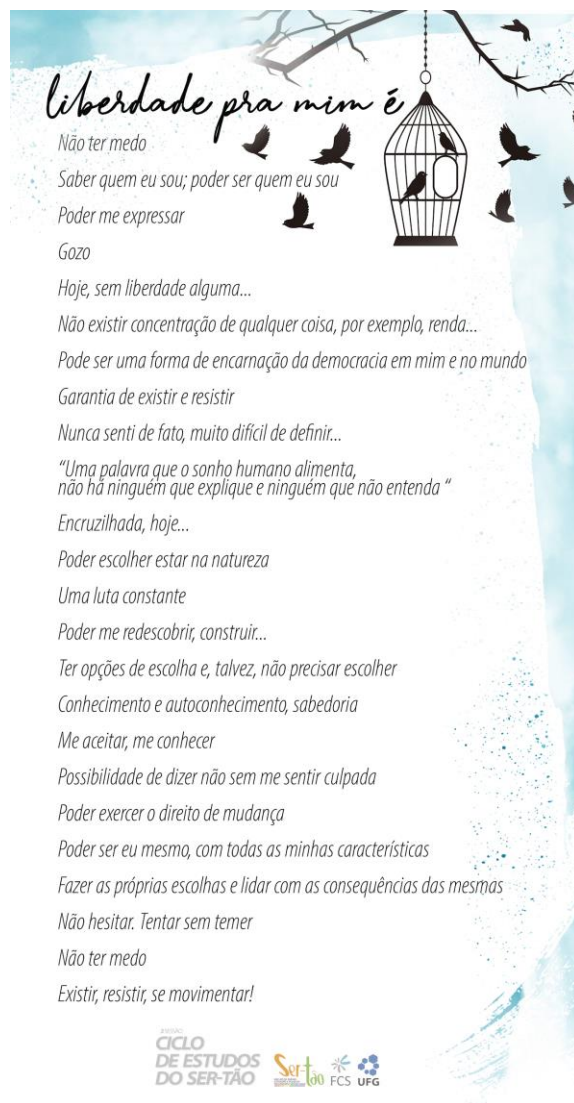
entre os alunos e alunas e que às condições materiais precárias se somam os efeitos psicológicos e emocionais do desemprego, da solidão, das perdas. O luto, a violência e a ausência do Estado é aqui o *leitmotif* das abordagens. Para Butler, o fascismo em voga traz à tona a questão do darwinismo social ao falar em imunidade de rebanho. O luto de tantas vidas perdidas que não pode ser vivido publicamente, não há como ritualizar essas perdas uma vez que a pandemia restringe os encontros entre as pessoas. Assim, cada perda é vivida no privado. Butler crê que tanto as visões mais utópicas quanto as distópicas são compreensíveis nesse contexto. Ela está pensando algo que é caro à teoria sociológica, que é a noção de interdependência para gerar a solidariedade, a empatia e não a violência. Veena Das oferece uma perspectiva de pensar o como o conhecimento das humanidades possa ser útil e não apenas crítico. Pesquisas com as políticas de saúde, por exemplo, de como afetam diferentemente as populações. Também está preocupada em como tornar as aulas um espaço acolhedor das dores dos/as estudantes, de como replanejar as aulas, de como torná-las adequadas ao novo contexto.

Para Butler, a Internet se tornou a nova esfera pública e, no entanto, ela não cumpre e jamais cumprirá este papel. Apenas um mundo em co-presença pode dar a dimensão real de uma perda. De quem é a tarefa de redesenhar/refazer o mundo?

Beatriz refletiu com o grupo sobre os significados do luto coletivo, do luto político, lembrando que refugiados não têm condições de vivenciar os lutos que ficam nas travessias, nos deslocamentos. Nós estamos isolados, distanciados socialmente. Também trouxe a questão da memória que constrói a história, por exemplo, as mães da praça de maio (Argentina), as mortes de Marielle Franco (2017) e George Floyd (2020) e as mães yanomamis que pediram os corpos de seus filhos que morreram e numa foram ritualizados (na Covid-19). Todos esses eventos tornam a morte um ato político, para as pessoas negras (mulheres no caso da Marielle, por exemplo), indígenas e pobres.

O debate foi muito intenso e o conteúdo mexeu profundamente com cada um/a.

Ao final desta sessão, fizemos um exercício que resultou nesta imagem:



Arte: Matheus Sant'Ana

4a sessão - 13/07/2020 - Flávia Rios; Ana Cláudia Pereira; Patrícia Rangel. Paradoxo da igualdade: gênero, raça e democracia (Dossiê Gênero e Democracia, *Revista Ciência e Cultura*, 2017). Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000100015

Mediação: Flávia Mateus Rios

É coautora do texto recomendado. Neste artigo, publicado num dossiê sobre gênero e democracia que eu e Luiz Mello coordenamos para a revista *Ciência e Cultura*, as autoras (Flávia Rios, Patrícia Rangel e Ana Cláudia Pereira) analisam a sub-representação política de negros e

negras na esfera parlamentar refletindo sobre escassez de estudos, falta de registro do quesito cor/raça nas instituições (Luiz observa o mesmo em sua pesquisa sobre ações afirmativas na educação superior brasileira, entre outras), o racismo que transforma esta desigualdade interseccionada em mais um dos paradoxos da democracia que estamos debatendo desde a primeira sessão.

Aquecimento

Pedi às pessoas para expressarem o que esta figura lhes dizia ao primeiro olhar.



Manifestação em SP, 2018 (Fonte: EL PAIS)

Respostas agrupadas

A revolução é feminista!

Sim, a revolução é feminina, vejam a pandemia, países governados por mulheres....

A revolução deve ser feminina por ser esta o esteio da vida

A revolução deve ser feminina e feminista porque é um movimento permanente contra todas as formas de dominação

Sim, mas falta representatividade. Como diz Angela Davis "quando uma mulher negra se movimenta, toda a sociedade se movimenta com ela".

A revolução é subalterna, é feminista e anti-racista.

Quem está neste feminino? Precisa ter outros corpos...

"Sem as travestis, não há revolução!" Gosto dessas frases...

A frase deveria ter exclamações e interrogações..., mas a imagem passa uma sensação de força.

Flávia fez uma apresentação organizada com um powerpoint contendo os pontos essenciais do debate para além do artigo recomendado para esta sessão. Pedimos que ela também começasse por nos dizer um livro ou filme que marcaram sua vida. Foram eles: *Revolução em mim*, de Márcia Kupstas, um livro infanto-juvenil e a música (não um filme) *Haiti*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, que ela utiliza em suas aulas. Ela problematizou o termo “representação” geralmente pensado apenas em esferas parlamentares ou nos primeiros escalões do governo, deixando de lado as fortes representações nos movimentos sociais e em canais menos institucionais. O movimento feminista negro experimenta desde os anos 1970 um crescimento e uma diversidade notáveis, expressos em grupos e coletivos. Ou em espaços institucionais internacionais como as relatorias de conferências da ONU, caso das brasileiras Edna Rolland (Durban, 2002) e Jurema Werneck (diretora executiva da Anistia Internacional desde 2017), ambas intelectuais e ativistas negras. Em termos de representação de mulheres e negras/os no parlamento e no governo, ainda pequena, ela aumentou 50% a partir de 2018, como “efeito Marielle” e por causa da aplicação mais rigorosa do sistema de cotas.

O debate foi acalorado e intenso. O registro aqui é apenas sumário. Questões como “por que mulheres e negros (e suas intersecções) não recebem votação expressiva”? Flávia acha que esse pode ser um pressuposto falso. Seria necessário buscar evidências nos resultados eleitorais, avaliar quem votou em quem. A cientista política brasileira Natália Bueno (hoje fora do país) fez um experimento com grupo controle e, embora em pequena escala, ela demonstra que esta afirmação (mulher não vota em mulher; negro não vota em negro etc...) é falsa.

Outra problematização é quanto às expectativas de que mulheres e/ou negros/as (ou qualquer outra identidade) seja necessariamente progressista. Há mulheres muito conservadoras (de centro-direita e agora de extrema-direita) e sua presença pode não alterar o quadro de correlação de forças nos espaços institucionais, para a mudança social.

Há que se levar em conta os contextos violentos sobre essas populações; as alianças e coligações em torno dos partidos majoritários e as próprias questões históricas de gênero. Uma aposta

parece ser a tendência de mandatos coletivos. E, quanto à expressão “lugar de fala”, Flávia conclui que há equívocos enormes quanto à correlação entre lugar de fala e identidade. Então, pessoas brancas podem tratar de questões raciais envolvendo pessoas negras? A resposta é sim. Ela indica uma releitura de Lélia Gonzalez, que tem uma preocupação com a linguagem, e usa das contribuições da psicanálise e de Franz Fanon (nós internalizamos a norma branca). A classificação racial pode ser violenta também, afinal ela é uma categoria externa ao indivíduo. Mas, a sociologia precisa desta classificação, por isso o quesito cor/raça é um dado importante. Posso ser individualmente contra, não querer me classificar (autodeclarar), mas sem os dados não há comparação possível, isso inviabiliza nossas pesquisas.

Flávia Mateus Rios é professora adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF). É cientista social, mestre e doutora em sociologia (USP), pesquisadora visitante em Princeton, EUA (2013). Integrou o quadro docente da Universidade Federal de Goiás (2016-2017). Coordenadora do Grupo de estudos e Pesquisa Guerreiro Ramos (NEGRA), integra também o Comitê Científico do AFRO/CEBRAP e o projeto "Vozes do Genocídio da Juventude Negra" (CNPq/2019). Seus temas de pesquisa são: ação coletiva, teorias interseccionais, relações raciais e de gênero, Ditadura Militar e democracia, educação e políticas de ações afirmativas no ensino superior.

Artigo de Flávia Rios: FEMINISMO NEGRO BRASILEIRO EM TRÊS TEMPOS: Mulheres Negras, Negras Jovens Feministas e Feministas Interseccionais disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys31/black/flavia.htm>

5a sessão - 27/07/2020 - Angela Davis. *A liberdade é uma luta constante* (Boitempo, 2018).
Leitura: cap.8 “Feminismo e abolicionismo: teorias e práticas para o século XXI”, pp 89-103.
Prefácios e introdução (opcionais).

Mediação: Eliane Gonçalves

Recuperações das sessões anteriores

Começamos este ciclo com uma filósofa europeia e branca, fiel à tradição ocidental e ativamente crítica das desigualdades que impedem a democracia de triunfar. Seguimos ouvindo e lendo mais duas filósofas brancas, ativas nos EUA e tivemos uma interlocução com uma antropóloga asiática/indiana, radicada nos EUA (todas elas acima dos 65 anos, portanto oficialmente “velhas”) e na sessão passada uma socióloga brasileira, negra e a única jovem (menos de 40 anos eu acho) deste ciclo. Fechamos, a quinta e última sessão com uma outra filósofa, negra, dos EUA, próxima dos 80 anos e uma cidadã do mundo, uma personalidade que transcende culturas e línguas, tal sua popularidade e carisma mundo afora. Embora atualmente Angela Davis quase dispense apresentações, assistimos a abertura do seminário Democracia em colapso? Da Boitempo Editora com a jornalista Adriana Ferreira da Silva, de Marie Claire, Brasil. O evento com este mesmo título “a liberdade é uma luta constante” foi realizado no SESC, SP, em outubro de 2019 e pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=1xjgckTGE4s>

O texto lido, o capítulo 8 do livro, nos lança na nossa ignorância quanto aos fatos da história: personagens não conhecidas, livros que não lidos, ativismos que raramente sabemos existirem. O tema que atravessa este livro é a liberdade, conceito que compõe os valores fundamentais compartilhados da democracia, ainda um horizonte. Neste capítulo 8 o tema é do abolicionismo prisional e da importância das lutas interseccionadas. Angela nos apresenta um triste retrato do sistema prisional não apenas nos EUA, mas no mundo todo, trazendo informações sobre presos políticos há mais de meio século atrás das grades; sobre o caráter racista das prisões e de nossa responsabilidade nisso tudo. O livro todo conclama a um novo feminismo abolicionista e a um abolicionismo feminista e cada palestra e entrevista mostra uma parte desta luta empreendida por Davis na mais concreta perspectiva interseccional.

Personagem com a qual inicia e termina a palestra: Assata Shakur. Membro do Black Panthers e de outros movimentos negros dos anos 1960, ela tem uma história incrível. Foi declarada culpada de um crime contra um policial em New Jersey no final dos anos 1960. Foi para prisões femininas.

Fugiu da prisão em 1979 com a ajuda de camaradas do movimento, viveu em diversos países e está exilada em Cuba desde 1984. Tem 73 anos e uma filha que vive nos EUA. escreveu uma autobiografia e continua na lista dos mais procurados do FBI desde 2013. Há grande volume de informações, músicas, livros (uma autobiografia) e documentários. Como pessoas negras que cometem crimes contra o estado ou o poder dos brancos são chamadas terroristas e o mesmo não ocorre com brancos que cometem crimes contra pessoas consideradas ameaças.

Para ilustrar as facetas do feminismo, movimento que ela vai recuperando aos poucos até fornecer uma perspectiva de inclusão máxima e de reconhecimento de suas contribuições epistemológicas e metodológicas, Davis segue mostrando-nos algumas personagens. Sandy Stone é uma delas. Sem dar detalhes, ela ilustra o quanto o trabalho criativo e inovador de Sandy, uma mulher trans velha, hoje com 84 anos, contribui para ampliar o feminismo. Não aprofunda, mas pontua o quanto ela foi vítima de ataques feministas de algumas alas “puristas” (Janice Raymonds, uma delas) quando esteve à frente da Olivia Records. Para Davis, este feminismo trans étnico abolicionista é o movimento mais criativo dos EUA neste momento.

Seguindo-lhe todos os exemplos, chegamos à conclusão que Davis nos convida a abandonar várias certezas, várias seguranças, e vários apegos: às categorias explicativas clássicas, ao conceito de gênero, aos objetos de nossas pesquisas e ativismos que tendem a se fossilizar.

Uma imagem do feminismo que cada vez deve se transformar para abarcar mais e mais diversidade, diferença, complexidade, alargar-se em abrangência de pessoas, temas, agendas etc... como ondas que se espalham.



“Ampliar, complicar, expandir e aprofundar nossas teorias e nossas práticas libertárias” (p.99)

Pensar o feminismo abolicionista e um abolicionismo feminista: antirracista, anticapitalista, antidiscriminatório sobre todas as formas de opressão e dominação: colonial, de classe, de raça, de etnia, de sexo, de gênero, de idade, de geografia, de língua, de capacidade física etc.

O debate

Como algumas pessoas haviam assistido ao vídeo inteiro, as reflexões de Angela Davis foram incorporadas. Por exemplo, quando ela diz que não compreende porque ela é convidada para representar o feminismo negro quando temos tantas representantes ilustres no Brasil! Rememora a tradição do feminismo amefricanista de Lélia González. Ou quando chama a atenção de um tipo de inclusão na vida democrática que não interessa nem aos negros, nem às mulheres. Mulheres no controle do Complexo industrial militar. Devemos celebrar isso? O feminismo no centro da violência de estado? Isso não diminui a violência de gênero. Democracia diz mais do que inclusão e assimilação. Diz respeito aos termos dessa inclusão.

Davis conclama pesquisadoras e ativistas ao desapego aos nossos objetos, categorias e conceitos cuja certeza pode não contribuir para a ampliação das lutas: gênero, mulher sendo exemplares. Não devemos forçar a entrada de determinadas pessoas em categorias que as restringiriam. Mulheres trans não devem ser transformadas em mulheres, porque a categoria mulher (como também gênero) está por demais comprometida com binarismos e essencialismos. Precisamos de novas palavras!

Quase todos os comentários foram unânimes a considerar as abordagens políticas de Angela Davis de alcance muito amplo. Sua noção de interseccionalidade das lutas e não apenas uma categoria analítica mostra esse compromisso. Ela é igualmente sábia quando confere à epistemologia e metodologia feministas um lugar central que nos impele a ver conexões, relações, omissões que não estão dadas, não são visíveis ou aparentes.

Como encerramento, fizemos um exercício de avaliação figurativa, usando a metáfora da viagem. Cada uma foi convidada a pensar-se como fazendo três malas e nela colocando as coisas assim:

O que levo de novo (pra mim, pra vida...)

O que deixo (para o grupo)

O que jogo fora (aquilo que não quer nem para si, nem para o grupo, nem para a vida...).

Então, eu disse essas palavras finais e nos despedimos:

“O que posso ainda dizer? Que comecei ansiosa este grupo, este primeiro ciclo de estudos do sertão de 2020, este ano que passará à história como o ano em que a terra parou. Como o ano em que nós, no Brasil, fomos abandonados no meio da guerra, por um governo à deriva, sem rumo. Mas eu também posso me lembrar dele como o ano em que, em um semestre suspenso e altamente incerto, nós fizemos esses cinco encontros inacreditáveis, nos sentindo pertinhos, nesta nem tão nova modalidade de comunicação, conhecendo pessoas encantadoras, reencontrando outras igualmente encantadoras. Queria que soubessem como vocês tornaram minhas tardes de segundas-feiras, um prazer e uma alegria, não quinzenal, porque entre um encontro e outro eu e Matheus trabalhamos de modo que parecesse semanal! Meu muito obrigada a todas/os vocês! E que nos reencontremos!”

Os registros das avaliações estão ainda em curso, pois, as respostas individuais estão sendo enviadas ao e-mail do ciclo, lentamente.

Goiânia, 03 de agosto de 2020.

Eliane Gonçalves